

INTERSECÇÃO ENTRE CLASSE E RAÇA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA PSICANÁLISE

RIBEIRO, JOICE DA ROCHA¹; FARIAS, CAMILA PEIXOTO³

¹Universidade federal de Pelotas – joice.rocha.ribeiro@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A discussão proposta no presente resumo, é parte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) vinculado ao Grupo Pulsional: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise, do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel). A pesquisa em questão propõe discutir, a partir das narrativas de um estudo de caso, a presença imbricada do racismo e dos ideais neoliberais, no processo de constituição psíquica. Para isso, é necessário um breve resgate histórico com o intuito de compreendermos a relação estreita entre classe e raça no Brasil. A escravização no Brasil pode ser compreendida como um processo político de desumanização da população negra. Com o início e avanço da revolução industrial, o fim da escravização não assegurou para as pessoas negras o direito ao trabalho assalariado. Houve o financiamento da imigração para o país para ocupar as vagas de trabalho que surgiam de forma expressiva. Tal movimento alicerçou a política de embranquecimento, lançada pela elite brasileira e que tinha como respaldo, o racismo científico que surgiu na época. As teorias propostas na época destacavam a superioridade dos sujeitos brancos no que tange a intelectualidade e a inferioridade da população negra nesse quesito (ALBUQUERQUE, 2006).

Nesse cenário, a população negra encontrou-se em estado de total desamparo social e pobreza extrema. Por isso, no Brasil não é possível separarmos o preconceito de classe do preconceito racial, sendo o racismo a especificidade fundamental da desigualdade social em nosso país (SOUZA, 2005) e na sua perpetuação. O ódio ao pobre, reencena o ódio aos escravizados no passado (SOUZA, 2017). Dessa forma, é fundamental, pensarmos de forma entrecruzada e dinâmica os eixos de classe e raça. Para isso, partimos do conceito de interseccionalidade.

A interseccionalidade, discute sobre os múltiplos fatores de subordinação, ou seja, a dupla ou tripla discriminação, a articulação entre dois ou mais eixos. A interação entre dois ou mais marcadores sociais, visa complexificar as consequências estruturais e dinâmicas desse entrecruzamento (CRENSHAW, 2002). Kergoat (2010) destaca que nos estudos interseccionais, há uma minimização dos problemas de classe, sendo apenas mencionado esse fator nos estudos, sem que se pense efetivamente seus efeitos e implicações. Do mesmo modo, Kilomba (2019) destaca que no discurso de classe, a questão da “raça” não ganha nenhum lugar. Isso nos indica a importância de discutir sobre a presença e intersecção do racismo e do preconceito de classe. Em nosso trabalho discutiremos tal intersecção no âmbito da constituição psíquica, da relação com o outro, dos vínculos afetivos/significativos do sujeito.

Para tal, partimos do pressuposto psicanalítico, do outro adulto como primordial na constituição do psiquismo. É a partir do cuidado do outro e todos os elementos que este comporta: gestos, olhares, mímicas, linguagem e formas de

investimento, que é possível a constituição do psiquismo. As formas de cuidado vêm acompanhadas pela transmissão de mensagens enigmáticas, que inicialmente, fogem da capacidade de apreensão da criança, o que a impele ao processo de tradução. Dessa forma, o adulto é responsável por fornecer, inicialmente, os códigos tradutivos para tais mensagens. Tais mensagens enigmáticas estão alicerçadas no contexto sócio-cultural em que os sujeitos estão inseridos (LAPLANCHE, 1988). Partindo de tal pressuposto, é possível compreender a reprodução dos regimes de poder de forma entremeada aos cuidados dirigidos ao bebê/criança, através das mensagens e códigos tradutivos. Esse trabalho tem como objetivo discutir alguns aspectos relacionados à presença do racismo e dos ideais neoliberais, na relação com o outro desde o início da vida, sendo aspectos que compõem as mensagens transmitidas.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caso, aprovado pelo Comitê de ética e pesquisa (CEP) com seres humanos no dia 27 de Junho de 2020. Inicialmente, em parceria com o Programa de Assistência Estudantil (PRAE), a pesquisa foi divulgada exclusivamente para os bolsistas e ingressantes por cotas no que tange a baixa renda e raça. Após assinatura do Termo de consentimento livre e esclarecido deu-se início às entrevistas no período de Julho a Agosto de 2020. As entrevistas ocorreram na modalidade online, por meio da ferramenta google meet, com duração de 40 a 50 minutos. Os instrumentos foram: a escuta fornecida à participante, a atenção flutuante, a abstinência, os aspectos transferenciais e contratransferenciais. Na construção, escolha e exclusão de elementos aparecerá a subjetividade da pesquisadora, visto que, a implicação é algo indispensável nesta investigação. Portanto, os fatos clínicos se referem a uma composição de elementos formada por aspectos da história escutada articulada ao contexto em que o sujeito escutado se insere e da subjetividade e contexto da pesquisadora (MACEDO, SILVA, 2016) sendo às construções sempre provisórias e parciais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, iremos pôr em relevo a interação entre preconceito de classe e racismo, que nos indicam a presença da opressão social classista que desqualifica os pobres, comprometidos por estereótipos que interagem intimamente com a negritude. Nesta fala trazida por Cecília, é possível pensarmos na transmissão de mensagens e códigos tradutivos (LAPLANCHE, 1988) fornecidos pelo pai, sobre morar na favela e ser favelado “Quando a gente fazia algo que desagradava ele, ele dizia: “Você merece morar aqui, porque você faz coisas de favelada e você mora na favela por isso, você é uma favelada. É notável a transmissão da mensagem carregada de teor negativo do que é ser “favelada e pobre”, uma mensagem atravessada pela desqualificação dos sujeitos pobres e suas condições de moradia. A passagem “você merece morar aqui” demonstra a responsabilização individual como base dos ideais neoliberais, em alusão ao mérito e esforço individual, que imperam no laço social e que subjetivam os modos de relação do pai. Além disso, é possível pensarmos em uma relação de ódio consigo mesmo transmitida na relação com sua filha, através da culpabilização por seus modos de se comportar “você faz coisas de favelada e você mora na favela por isso”.

Na experiência subjetiva de Cecília, os desdobramentos subjetivos/intrapsíquicos da presença dos ideais neoliberais na relação com o pai, reverberam em sentimentos de vergonha na escola. Na seguinte passagem é possível notar a vergonha pelas condições socioeconômicas da família, que também compromete suas possibilidades de acesso à escola: “Eu morava num... eu moro, em um bairro que é periferia é muito marginalizado. Uma rua de terra em cima de um morro, então toda vez que chovia tinha muita lama e ficava muito escorregadio, e às vezes eu não conseguia ir pra escola, então toda vez que chovia eu tinha que descer e pegar ônibus, às vezes eu caía e escorregava e não tinha como ir” Na próxima passagem é possível pensarmos nos sentimentos de vergonha em expor sua condição socioeconômica: “Eu ficava com vergonha quando eles me perguntavam por que eu não comparecia, faltava tanto e porque tinha notas baixas e não estudava. Aí, no início da manhã, era toda vez, vendo meu pai ir trabalhar a pé, às vezes na chuva para o trabalho dele e eu não conseguia resolver esse tipo de problema (Choro).”

As mensagens e códigos tradutivos fornecidos a Cecília, na relação com o pai, no que tange ao olhar desqualificatório direcionados às condições de moradia e a culpabilização advinda dos ideais neoliberais, vão alicerçando sua dinâmica psíquica, suas formas de ver a si mesma e seus modos de se relacionar com o outro, como no espaço escolar, marcado pela diferença de classe e raça. Na escola, constituída predominantemente por professores e colegas brancos de classe média, na qual ingressou por bolsa de estudos, as narrativas de Cecília nos indicam que havia uma exclusão e invisibilização/silenciamento de seu contexto social. No trecho a seguir, é possível notarmos isso: “Várias professoras vieram para mim e disseram: “Porque você está aqui, você não frequenta as aulas, você não tenta fazer parte, você não se esforça para ter boas notas, por que você está aqui? Por que você não desiste?” Isso foi logo no começo, no primeiro ano [choro].

Nas formas de racismo contemporâneo não há lugar para diferenças. O racismo é demonstrado em termos de territórios, e os territórios determinam quem pode frequentar os locais sem ser interpelado, observado e questionado (KILOMBA, 2019) sugerimos que a mesma lógica de opressão se estende aos sujeitos pobres. No caso de Cecília, suas narrativas nos indicam, que uma lógica do racismo contemporâneo entrou em cena, marcado pela determinação de territórios. Nesse caso, o território é a escola, e novamente as mensagens que os professores direcionam a ela estão alicerçadas no preconceito com relação a sua classe e raça, são marcadas pela responsabilização individual e exposição/constrangimentos. Na visão dos professores – limitada pelo racismo e pelos ideais neoliberais que os constituem – a mesma não se esforçava para pertencer e obter boas notas.

Em virtude do exposto, cabe destacar novamente, devido a relevância para o presente trabalho, que a família de Cecília, assim como os professores, estão inseridos e são constituídos subjetivamente, pela dimensão sócio-cultural. Nesse caso, pelos regimes de poder que imperam no laço social: o racismo e ideais neoliberais. Partimos da premissa que somos constituídos a partir da relação com o outro, que nos transmite sentidos naturalizados na dinâmica social, processo que todos vivenciamos desde o início da vida. Dessa forma, é fundamental atentarmos para a reprodução e perpetuação dos ideais neoliberais e do racismo a partir dos nossos vínculos significativos. Isso evidencia desafios importantes para desconstrução de tais regimes de poder, uma vez que são sustentados por uma dimensão afetiva.

4. CONCLUSÕES

Diante do exposto, pode-se compreender que às opressões sociais, se reproduzem e assumem caráter subjetivante por serem transmitidas por adultos significativos que cumprem a função de cuidado, portanto, com os quais há um laço afetivo: pais, cuidadores, professores, por exemplo. No presente estudo de caso, os sentidos naturalizados na dinâmica social, são transmitidos pelo pai e pelos professores, comprometidos pelos ideais de mérito e esforço individual. Isso reverbera, na culpabilização e responsabilização individual de Cecília na escola, além do olhar de desqualificação direcionado às condições de pobreza e a si mesma. É possível pensarmos no desafio de desconstruir tais códigos tradutivos naturalizados na dinâmica social, visto que, são transmitidos por figuras de cuidado investidas de afeto. Contudo, é a partir do reconhecimento da reprodução e da perpetuação dos regimes de poder pelas figuras de cuidado e em espaços importantes de socialização, como o ambiente escolar, que será possível pensar em dispositivos clínicos-políticos capazes de romper com o silenciamento e violências alicerçadas pelo racismo e pelos ideais neoliberais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R; FRAGA FILHO, Walter. Uma história do negro no Brasil. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais/ Fundação Cultural Palmares, 2006. 315 p.as, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, Jan. 2002.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feminist.

MACEDO, Mônica Kother.; SILVA, Clarice M. **O Método Psicanalítico de Pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos**. Revista Psicologia: Ciência e profissão, [online]. v.36, n.3, p. 520-533, 2016.

KERGOAT, Danièle. **Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais**. Revista Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 86, p. 93-103, 2010.

LAPLANCHE, Jean. **A teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 244 p

SOUZA, Jessé. **Raça ou Classe? Sobre a desigualdade brasileira**. Lua nova, São Paulo, 65: 43-69. 2005

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à lava-jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017, 140 p.